

A REFRAÇÃO METADISCURSIVA DO ADVENTISMO NA AMAZÔNIA EM “LIBERTOS: O PREÇO DA VIDA” (2018)

THE METADISCURSIVE REFRACTION OF ADVENTISM IN THE AMAZON IN "FREEDOM: THE PRICE OF LIFE" (2018)



Aleandro Gonçalves Leite*

Resumo

A presente análise se propõe à compreensão do processo de expansão do adventismo na Amazônia e sua relação imediata com o processo histórico de exploração da América Latina pelo imperialismo norte-americano, nos sentidos pretendidos pelo filme “Libertos: o preço da vida”. Exercendo forte influência no “estilo de vida” e na opinião pública sobre determinados governos, as diferentes correntes do protestantismo exportadas pelos Estados Unidos acompanharam a consolidação do positivismo republicano na construção nacional do Brasil desde o final do século XIX. A Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) chegou à Amazônia por meio da construção de escolas e igrejas em comunidades indígenas dos atuais estados de Roraima e Amazonas. No filme em análise, há uma refração do sentido de participação histórica sobre “o preço da vida”, narrada em uma conjuntura contemporânea de exploração.

Palavras-chave: Protestantismo, Amazônia, adventismo.

Abstract

This analysis seeks to understand the process of expansion of adventism in the Amazon and its direct relationship with the historical process of exploitation of Latin America by US imperialism, in the senses intended by the film “Freedom: the price of life”. Exercising a strong influence on the “style of life” and on public opinion about certain governments, the different currents of Protestantism exported by the United States accompanied the consolidation of republican positivism in the national construction of Brazil since the end of the 19th century. The Seventh-day Adventist Church (IASD) reached the Amazon through the construction of schools and churches in indigenous communities in the current states of Roraima and Amazonas. In the film under analysis, there is a refraction of the sense of historical participation over “the price of life”, narrated in a contemporary context of exploration.

Keywords: Protestantism, Amazon, adventism.

* Mestre em História e Estudos Culturais pela Universidade Federal de Rondônia. E-mail: aleandrokeane@gmail.com.



Introdução

A história do protestantismo na Amazônia possui uma relação direta com a expansão do imperialismo estadunidense, em suas diferentes etapas de construção. As discussões que buscam a compreensão desse processo se estabelecem, ainda, apegadas ao choque cultural, propondo-se à descrição de um sincretismo, peculiar ou genérico, em relação a esta ou aquela denominação em contato com os indígenas. Na presente análise, esse foco cultural sobre a religiosidade é tido como elemento constitutivo da formação discursiva do protestantismo norte-americano, construído na legitimação socioeconômica sobre os católicos. A disputa pelo discurso de legitimação religiosa frente às missões católicas constitui-se, nessa análise, como mecanismo essencial de acesso ao domínio político, econômico e social do positivismo republicano na Amazônia. As diferentes missões religiosas, católicas ou protestantes, estiveram a serviço da acomodação de tensões e conflitos provocados pelos interesses econômicos expansionistas de onde vinham. Os jesuítas, desde o século XVII aos interesses da coroa portuguesa¹, e as diferentes vertentes do protestantismo, a partir do final do século XIX, para os interesses norte-americanos². Assim, é de extrema relevância para a discussão historiográfica das religiões e religiosidades amazônicas uma compreensão discursiva dos elementos culturais implicados no estabelecimento do protestantismo na região.

Segundo Gedeon Alencar, a mudança de matriz religiosa do cristianismo católico para o protestante em diversos países da América Latina aprofundou as condições favoráveis à expansão da economia estadunidense, pois atuava pela conversão não apenas da fé, mas em uma mudança de vida, que progressivamente induzia os sujeitos a assumirem o *american way of life*, ou “estilo americano de vida”³. Em 1880, o pastor metodista William Taylor veio ao Pará conhecer os resultados de alguns anos da venda de literatura protestante e de missões pontuais ao interior da Amazônia. Otimista com as atividades missionárias do reverendo Justus Henry Nelson, que junto a sua esposa se prontificou a permanecer no Pará, apenas oito anos antes da Proclamação da República, ajudou a fundar a primeira igreja protestante na Amazônia:

¹ CHAMBOULEYRON, Rafael. Em torno das missões jesuíticas na Amazônia. **Lusitana sacra**, Lisboa, 2ª série, n. 15, p. 163-208, 2003.

² DE OLIVEIRA, Liliane Costa; SERRA PINTO, Marilina Conceição de Oliveira Bessa. Os primeiros passos do Protestantismo na Amazônia. **Estudos de Religião (IMS)**, v. 31, p. 101-126, 2017.

³ ALENCAR, Gedeon. **Protestantismo Tupiniquim**: Hipóteses da (não) contribuição evangélica à cultura brasileira. São Paulo: Arte Editorial, 2005.



Nesse interim, alugaram um edifício por \$50 dólares ao mês, dando início aos cultos em língua inglesa para alguns negociantes residentes na cidade, e onde também abriram uma escola de ensino para as crianças brasileiras, tendo a Bíblia como livro de leitura⁴.

William Taylor havia assumido a pregação do que acreditava ser a “fé cristã verdadeira” na América do Sul como missão de vida. Havia projetado um método de expansão do protestantismo (missões de sustento próprio) que alistava facilmente jovens estudantes ansiosos por se aventurar em lugares desconhecidos: “Ele mesmo providenciava os obreiros e lhes custeava a viagem, desde que, um grupo de pessoas ali se dispusesse a apoiá-los, ajudando-os a se manterem”⁵.

A Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD), formada por batistas e metodistas dissidentes nos Estados Unidos, chegou ao Brasil por Santa Catarina. Pelo porto de Itajaí vieram os primeiros missionários para, na cidade de Brusque, fundarem a primeira igreja, em 1896. A partir de então, diversas “missões” (como eram chamadas as sedes de acolhimento e administração dos missionários), templos e escolas foram construídas pelos adventistas no Brasil. Porém, essa atuação estava restrita aos núcleos urbanos de colonização alemã, ao sul, e, a partir dos primeiros anos do século XX, em cidades litorâneas do sudeste e nordeste. Apenas no final da década de 1920 foram registrados os primeiros batismos e edificações resultantes da atuação de missionários adventistas na Amazônia. As primeiras missões não conseguiram se estabelecer nos crescentes núcleos urbanos da *belle époque* amazônica⁶, mas em comunidades indígenas do Monte Roraima (na fronteira com a Guiana Inglesa)⁷ e nas proximidades da cidade de Maués (município do atual estado do Amazonas)⁸.

No filme “Libertos: o preço da vida” (2018), a IASD buscou reconstruir a própria história junto às comunidades indígenas que foram alcançadas pela sua doutrina, por onde se abriram os acessos da Amazônia brasileira aos missionários norte-americanos que

⁴ DE OLIVEIRA, Liliane Costa; SERRA PINTO, Marilina Conceição de Oliveira Bessa. Os primeiros passos do Protestantismo na Amazônia. **Estudos de Religião**, p. 114.

⁵ SALVADOR, José Gonçalves. O Metodismo no Norte e Nordeste do Brasil. In: SALVADOR, José Gonçalves. **História do Metodismo no Brasil: dos Primórdios à Proclamação da República (1835-1890)**. v. I. Rio de Janeiro: Centro Metodista Vila Isabel, 1982. p. 52-65.

⁶ Nos primeiros anos do século XX, a extração do látex havia impulsionado a urbanização na Amazônia. Tendo como referência Belém e Manaus, uma rede de cidades portuárias, ligadas aos barracões e seus respectivos seringais, se formou ao longo dos rios vinculados ao Amazonas.

⁷ PRESTES FILHO, Ubirajara de Farias. **O indígena e a mensagem do segundo advento: missionários adventistas e povos indígenas na primeira metade do século XX**. Tese (doutorado em História Social) – FFLCH, Universidade de São Paulo, 2006.

⁸ MIRANDA, Marcelo Nunes. **A presença da igreja Adventista do Sétimo Dia na comunidade Sahu- Apé/AM: um olhar sobre as relações entre religião e cultura no contexto indígena**. Dissertação (mestrado). 76 f. UNIDA: Faculdade Unida de Vitória, 2016.



tenham como peculiaridade a observância do sábado como dia de descanso. Emanuel, o personagem central, é um jovem médico que atua voluntariamente em uma comunidade indígena e que, pela fidelidade aos seus princípios cristãos, acaba se sacrificando para salvar um grupo de mulheres que haviam sido sequestradas por criminosos atuantes na região. A narrativa do filme percorre o discurso emocionado de uma das mulheres, Eleonor, uma bióloga, capturada pelos criminosos enquanto realizava pesquisas na Amazônia. O enredo possui uma intencionalidade expressa de associar Emanuel a Jesus Cristo e Eleonor a Ellen White, profetiza fundadora da maior parte das doutrinas que compõem o adventismo⁹. Ou seja, há uma meta-narrativa, construída por um meta-discurso, que se realiza em uma história fictícia, porém, factível, pela qual se tenta legitimar a atuação econômica, social e política da forte instituição que se tornou a IASD na Amazônia.

Para se compreender o trabalho simbólico e a ação discursiva empreendida sobre o filme, a Análise de Discurso foi utilizada como método. Segundo Bethania Mariani, a visibilidade, límpida e transparente, que a repetição de práticas institucionais discursivas e não-discursivas provoca, torna possível um efeito universalizante de reconhecimento. Nele, funcionam os mecanismos enunciativos de fixação das evidências, que não precisam de explicação, apenas são por todos saberem que assim devem ser. As instituições, portanto, são tidas nessa análise como estabelecidas em uma dimensão normatizante, de “*disciplinarização* constitutiva da ordem de possibilidades de um discurso”¹⁰.

No uso da linguagem cinematográfica, a ação do discurso emotivo acompanha o efeito de sentido pretendido pela ideologia que o move e torna real a experiência religiosa. O investimento nesse ramo industrial, fruto de um capital midiático sólido e polivalente, entregou ao próprio público de fiéis um novo acesso ao tempo das comunidades onde pretendiam angariar novos “irmãos” para a fé adventista, levando-os à igreja ou indo até suas casas não para ouvir um sermão chato, mas para assistir um filme legal, cujo efeito de entretenimento seja a emoção. Patrick Charaudeau compreende a emoção no discurso midiático como um dispositivo de realização sensitiva das crenças vinculadas a determinada ideologia. Um filme que estimule as emoções seria um produto discursivo

⁹ TORRES NETO, Diogo Gonzaga. **A ética protestante e o espírito da Amazônia**: os escritos, pensamentos e obra missionária adventista de Leo B. Halliwell. Tese (Doutorado). 211 f. PPGSCA: Universidade Federal do Amazonas, 2019.

¹⁰ MARIANI, Bethania. Discurso e instituição: a imprensa. **RUA**, Campinas, SP, v. 5, n. 1, p. 47–62, 2015, p. 05.



que testemunha a realidade sobre as crenças reguladoras dos desejos e repulsas comuns a determinado grupo social, anunciando, assim, a experiência cotidiana de sentimentos vinculados às esperanças de determinada “certeza comum” (ou fé).

A emoção pode ser percebida na representação de um objeto em direção ao qual o sujeito se dirige ou busca combater. E como estes conhecimentos são relativos ao sujeito, às informações que ele recebeu, às experiências que ele teve e aos valores que lhe são atribuídos, pode-se dizer que as emoções, ou os sentimentos, estão ligados às crenças. Estas crenças se apoiam sobre a observação empírica da prática das trocas sociais e fabricam um discurso de justificação que instala um sistema de valores erigidos em forma de norma de referência¹¹.

A fé e o “estilo de vida”, exportados para a Amazônia pelas diferentes opções de protestantismo norte-americano, normalizou o medo ritualizando a agonia expiatória e a espera messiânica do segundo advento. O metadiscurso, implícito a essa exportação, foi construído historicamente na repetição semanal do ritual comunitário de reafirmação profética do adventismo. O que implica em uma apropriação das esperanças e um apelo continuado à missão de pregar o evangelho a todo o mundo. A refração metadiscursiva, no filme em análise, dessa “imagem” do adventismo entre as populações indígenas, é utilizada para reafirmar uma legitimidade sociomissionária da instituição, apagando dessa apropriação o controle e a exploração sobre a vida. Pois, assim como as circunstâncias em que foram colocados os personagens centrais (Emanuel e Eleonor), a IASD construiu seu acesso justamente nas maiores carências impostas pela iminente “integração civilizatória” do positivismo republicano, do qual sua presença fazia parte: saúde, educação e segurança. Entre os primeiros missionários adventistas na Amazônia, além do conforto (segurança) espiritual, eles também traziam serviços especializados; as esposas dos primeiros pastores, por exemplo, ou eram enfermeiras ou pedagogas recém-formadas. Vindo, inclusive, na década de 1930, a intermediar materiais do Serviço de Proteção ao Índio (SPI) com algumas comunidades indígenas¹².

O crescimento institucional alavancou as missões na Amazônia que, a partir da década de 1940, possibilitou a construção de congregações adventistas também nos centros urbanos, contando com a grande maioria de “obreiros” indígenas, que testemunhavam as transformações na saúde e na capacidade de comunicação com o mundo civilizado que o adventismo causara. Essa base primária de “irmãos” consolidou

¹¹ CHARAUDEAU, Patrick. Pathos e discurso político. In: MACHADO, Ida Lucia; MENEZES, William; MENDES, Emilia (org.). **As Emoções no Discurso**. Vol. 1. Rio de Janeiro, 2007, p. 241.

¹² PRESTES FILHO, Ubirajara de Farias. **O indígena e a mensagem do segundo advento**: missionários adventistas e povos indígenas na primeira metade do século XX.



a imagem positiva que o *american way of life* adventista pretendia fixar. Como resultado, a IASD rapidamente se tornou uma referência de confiança para a educação elementar, passando a gozar de incentivos fiscais vinculados a sua natureza jurídica de associação sem fins lucrativos. No Brasil, atualmente, segundo a própria instituição, a rede adventista de educação conta com 500 (quinhentas) unidades de ensino, entre internatos, faculdades e escolas, com oferta de ensino dos anos iniciais ao nível superior¹³. Nessa breve análise, o objetivo é tornar compreensível a formação discursiva que consolidou a forte influência do adventismo na Amazônia por meio da imagem deslocada (ou refratada) em sua narrativa libertária. Apesar de ser o filme o objeto central de análise, o presente artigo também aborda a literatura profética do adventismo em sua função metadiscursiva, bem como a trajetória sócio histórica das missões adventistas junto às diferentes populações amazônicas. Sob a perspectiva fenomenológica de Maurice Merleau-Ponty, as interações provocadas por esse processo de colonização espiritual consolidaram a presença de objetos auto refletidos, que agiram como redutores das experiências do trabalho simbólico vivido ou esperado. Assim, “o preço da vida” é analisado como elemento central pretendido pela IASD em seu deslocamento para a própria trajetória na Amazônia.

O adventismo na Amazônia brasileira

O primeiro grupo de missionários adventistas a ter sucesso na Amazônia brasileira foi introduzido pela fronteira com a Guiana Inglesa, em comunidades indígenas de diferentes etnias. Seguindo as trilhas deixadas pelo missionário Ovid Davis, em 1930 foram registrados os primeiros batismos:

Três anos de atividade missionária culminaram no primeiro batismo realizado por Alfred Cott. No dia 9 de agosto de 1930, Cott batizou nove índios, entre eles chefe André, de Akurima. Segundo Betty, o batismo de André foi emocionante para os missionários, pois finalmente havia frutos do esforço de Davis. O chefe indígena teria dito que deixaria de usar adornos e não aceitaria mais a influência de Satanás.¹⁴

Segundo Ubirajara Prestes Filho (2016), Ovid Davis havia influenciado a região de tal forma, que no periódico “*Review and Herald*” a expressão “*Davis indians*” adquiriu uma repercussão generalizada entre fiéis de diferentes denominações do protestantismo, em especial após a ampla divulgação das circunstâncias em que ocorrera sua morte.

¹³ A educação Adventista. Disponível em: <https://www.educacaoadventista.org.br>. Acesso em: 29 de set. 2021.

¹⁴ PRESTES FILHO, Ubirajara de Farias. **O indígena e a mensagem do segundo advento**: missionários adventistas e povos indígenas na primeira metade do século XX. p. 189.



Atendendo ao convite de fazendeiros da região, insatisfeitos com a recente ampliação das missões católicas beneditinas, Davis chegou ao Monte Roraima em 1910. E após alguns meses de pregação e ensinamentos da sua língua para as comunidades indígenas, relatados em seu diário, o missionário adoeceu e morreu. A missão Guiana Inglesa, da IASD, reportou aos Estados Unidos a morte de Davis quase um ano após o ocorrido, pois até então não conseguira elucidar seu desaparecimento. Apenas depois do envio de uma comitiva coordenada pelas autoridades locais é que os pertences do missionário, bem como o seu corpo, foram localizados. Fora enterrado em uma comunidade no próprio Monte Roraima, e teve seu diário e outros pertences preservados pelo líder indígena local.

Seus relatos foram amplamente divulgados na *“Review and Herald”*, e em setembro de 1911 a notícia da sua morte e a elucidação das circunstâncias ganharam as páginas do jornal *Washington Post*: *“The Rev. O.E. Davis, superintendent of the British Guiana mission of the Seventh Day Adventist denomination, the headquarters of which are near Washington, D.C., has been murdered in the interior while proselytizing among the natives”*.¹⁵ O reverendo Davis, segundo o jornal, havia sido assassinado enquanto pregava aos nativos. Assim, a repercussão da heroica e trágica história do missionário adventista demarcou a referência às populações próximas ao Monte Roraima como *“Davis índians”* (índios de Davis). A referência garantiu o sucesso em uma campanha da IASD para arrecadar fundos e alistar voluntários para a construção de uma missão adventista no Monte Roraima. Duas famílias da Califórnia foram selecionadas e enviadas a Georgetown, na Guiana Inglesa, e de lá partiram para o Monte Roraima, onde, a partir de 1927, passaram a pregar e construir igrejas, levando ao batismo dos primeiros nativos adventistas da Amazônia brasileira em 1930.

As histórias de sucesso dos missionários que se aventuraram na pregação do adventismo aos nativos do Monte Roraima consolidaram as expectativas positivas da IASD em relação aos povos indígenas da Amazônia. Em 1931, o casal norte-americano Leo e Jessie Halliwell subiu o rio Amazonas até que chegassem ao rio Adirá, na atual terra indígena Andirá-Maraú.

Para atrair os indígenas que haviam fugido quando a lancha encostou na comunidade, Leo Halliwell colocou uma caixa de som no meio da comunidade. Quirino (...), que era um guerreiro, furou a caixa com uma

¹⁵ *Washington Post* in PRESTES FILHO, Ubirajara farias. **O indígena e a mensagem do segundo advento: missionários adventistas e povos indígenas na primeira metade do século XX.** p. 173-174.



flecha, mas o missionário colocou outra caixa de som, e com insistência Quirino aceitou a presença de Leo Halliwell e de sua esposa, Jessie.¹⁶

A embarcação utilizada pelo casal para chegar à comunidade havia sido construída em Belém com recursos angariados pela IASD nos Estados Unidos, e foi batizada com uma garrafa de guaraná com o nome “luzeiro”. O veículo se popularizou nas comunidades indígenas, pois havia sido equipado para o tratamento de algumas doenças, ferimentos e eventuais intoxicações. Jessie Halliwell era enfermeira, e havia morado sete anos na Bahia antes de partir com seu marido para Amazônia. Nesse período se inteirou das duas principais doenças que encontraria pela frente: malária e varíola. Assim, o casal norte-americano impressionava as comunidades mais distantes dos centros urbanos pelo conhecimento prático que tinham nessas doenças. O projeto “luzeiro” foi acolhido pela população Sateré-Mawé, com os quais foram registrados os primeiros batismos e instalação da primeira escola adventista na Amazônia central¹⁷.

A rede adventista de educação na Amazônia cresceu, a partir de então, acompanhando a construção de cada nova igreja com a instalação de uma escola elementar. E consolidou uma participação ainda mais direta na colonização espiritual implícita às mudanças políticas quando, partir da década de 1960, com o advento da militarização, a IASD passou a investir em um modelo de ensino confessional semelhante aos reformatórios católicos, porém, com características do modelo norte-americano de ensino. Replicando experiências já levadas adiante em São Paulo e na Bahia, grandes fazendas foram doadas pelo governo federal para a construção de internatos *denominacionais* também na Amazônia, ofertando aos filhos das famílias adventistas o então ensino básico, a um custo mensal, que poderia ser pago em dinheiro ou, em casos especiais, com trabalho. Edson Kayapó, um desses casos especiais, relata em seu livro autobiográfico as características, já na década de 1980, de uma dessas instituições no Pará.

O regimento do colégio era linha-dura – pelo menos era o que eu achava, comparando com minha vida na aldeia. Começava com os horários, que não podiam ser desrespeitados. O culto, as refeições, os estudos, tudo era obrigatório. Não era permitido pescar, nem caçar, nem colher frutas silvestres, nem jogar futebol (que era considerado violento), nem assistir à televisão, nem ouvir rádio, nem música. Brincar? Só nos horários determinados: sábado à noite e domingo à tarde. (...) O trabalho cotidiano de quatro horas na agricultura parecia

¹⁶ MIRANDA, Marcelo Nunes. **A presença da igreja Adventista do Sétimo Dia na comunidade Sahu- Apé/AM**: um olhar sobre as relações entre religião e cultura no contexto indígena. p. 48.

¹⁷ TORRES NETO, Diogo Gonzaga. **A ética protestante e o espírito da Amazônia**: os escritos, pensamentos e obra missionária adventista de Leo B. Halliwell.



pesado para o meu corpo de curumim. Além de tarefas de manutenção do colégio, como limpeza e ajudar na produção das refeições, a tarefa que ocupava a maioria dos alunos era a agricultura. Preparar a terra, semear e colher arroz, feijão, amendoim, laranja, mexerica, maracujá, melancia, cacau e hortaliças eram atividades corriqueiras¹⁸.

A disciplina quanto aos estudos e ao cumprimento dos novos costumes para o jovem indígena é descrita como construtoras de artifícios cada vez mais elaborados para seus “projetos e presepadas”, como chama suas desobediências às regras do internato. A consolidação desse modelo de ensino garantiu a apropriação do processo formativo horizontal para as famílias adventistas dispostas ao custo. Preparando, assim, um fluxo de mão de obra qualificada de formação própria para o trabalho nas missões, igrejas, escolas e hospitais construídos pela IASD.

O atual prefeito de Manaus é um fortuito exemplo da expressividade sociopolítica dos adventistas na Amazônia. Desde 2006, David Almeida atua na política amazonense, sendo três mandatos consecutivos como deputado estadual e em 2017 como governador interino. Venceu as eleições municipais para prefeito em 2020, pelo Avante, em uma forte coalizão evangélica em segundo turno contra Amazonino Mendes (Podemos). Membro da IASD desde criança, David Almeida vinculou sua campanha à defesa de valores conservadores, como a proteção da família como instituição divina¹⁹.

A ascensão política de candidatos evangélicos acompanhou a tendência nacional, que foi assimilada como uma “missão” contra “a velha política”. Na presente análise, além da função estruturada de controle sobre a opinião pública, a produção cinematográfica em questão possui elementos narrativos de autoafirmação pretendidos pela então política externa estadunidense. Tendo colaborado para a *banalização* das mortes provocadas pelas forças policiais, justificando pela situação encenada jargões utilizados por um dos candidatos à presidência da República em 2018.

A imagem deslocada: o controle da luz e do “preço da vida”

No filme “libertos: o preço da vida”, dirigido por Jefferson Nali, há uma tentativa de se reconstruir a narrativa do messianismo cristão, replicando no personagem central gestos descritos nos evangelhos, porém, com um cenário e uma conjuntura contemporâneos e análogos aos desafios encontrados pelos primeiros missionários

¹⁸ KAYAPÓ, Edson. **Projetos e presepadas de um curumim na Amazônia**. Curitiba: Positivo. 2019, p. 29-30.

¹⁹ CAVALCANTE, Larissa. Preconceito vira arma eleitoral no segundo turno para prefeito em Manaus. **A crítica**. Manaus, 2020. Disponível em: <https://www.acritica.com/channels/manaus/news/preconceitos-viram-arma-eleitoral-no-segundo-turno-para-prefeito-em-manauis>. Acesso em: 29 de set. 2021.



adventistas na Amazônia. As cenas acompanham as memórias de uma jovem pesquisadora chamada Eleonor (interpretada por Júlia Gama), por ocasião de uma cerimônia de premiação resultante dos seus estudos no norte do Brasil. Ao discursar, Eleonor emociona-se e passa a relatar os desafios que enfrentou durante o período que esteve em campo. Seu relato é um recorte das circunstâncias em que conheceu Emanuel (interpretado por André Ramiro), um jovem médico negro, que atende voluntariamente uma comunidade indígena em uma região não especificada da Amazônia.

Ao desembarcar em uma das áreas que analisava em sua pesquisa, Eleonor acidentalmente se depara com um grupo de três homens armados subornando um indígena para que os levassem até um médico que estava em sua comunidade. Ao notarem que eram observados, os criminosos rapidamente a capturam e passam a ameaça-la. Eleonor implora pela própria vida, afirmando estar grávida. Poupada, é amarrada e deixada em uma gruta à espera do retorno do grupo com o médico. Em seguida, os três homens armados chegam à comunidade onde Emanuel (o médico) se encontra e após ameaças, exigem que o médico os acompanhe até um cativo onde precisavam dos seus serviços. No caminho, encontram Eleonor e ambos são levados para um galpão abandonado, onde são colocados em uma cela com outras duas mulheres: Nina (Fernanda Marques) e Rosa (Francine Souza).

O último personagem a ser apresentado no filme é o líder do grupo armado, Casimir (Alessandro Ramos). A partir dos diálogos deste personagem com o médico e as três prisioneiras, a narrativa do filme sintetiza a refração do processo histórico de exploração das populações amazônicas. Casimir, com os outros três homens armados, coordena um esquema horizontal de tráfico humano, com sequestro, estupro, gestação forçada e venda no mercado paralelo dos recém-nascidos. Uma paráfrase da conjuntura em que se encontravam também os primeiros missionários na região, situados em uma intensa disputa entre fazendeiros e missionários católicos pela mão de obra indígena²⁰.

Emanuel havia sido levado ali para cuidar da saúde da jovem Nina, que havia acabado de dar à luz em um parto forçado e traumático. A única intervenção feita pelo médico se deu pela ingestão de mais água por Nina, para se evitar a desidratação. Uma sucessão de gestos amorosos, olhares, carinhos e palavras são trocados entre os dois, enquanto Nina conta sua história de como havia sido seduzida e enganada por Casimir. O médico, então, é chamado pelo líder para uma conversa em particular, onde lhe é

²⁰ PRESTES FILHO, Ubirajara de Farias. **O indígena e a mensagem do segundo advento**: missionários adventistas e povos indígenas na primeira metade do século XX.



explicado o funcionamento do seu negócio e os ganhos que poderia obter colaborando no cuidado da saúde do que Casimir chama de “mercadorias”. Emanuel se nega ao acordo e rejeita a insistência do líder em discutir uma possível parceria.

Retornando para a cela, logo em seguida Nina dá seu último suspiro, levando as duas prisioneiras e o médico a um estado de desespero pela liberdade. Rosa, que já havia passado por várias gestações e partos forçados, passa a interceder pelo socorro divino em voz alta, citando trechos bíblicos e pedindo misericórdia pelas suas vidas. Eleonor, então, interrompe grosseiramente a interseção de Rosa e oferece dinheiros ao grupo criminoso, afirmando ser de uma “boa família”, que poderia pagar pelo seu resgate. Porém, seu pedido é negado, em detrimento do valor implicado em sua condição reprodutora.

A resiliência de Emanuel, bem como seu insucesso em salvar Nina, levam o grupo a um princípio de discórdia, tendo um dos seus membros sido colocado também em cativeiro pelo líder. Na manhã do dia seguinte, com o corpo de Nina ainda na cela, Emanuel desenha no chão de terra para as duas prisioneiras um caminho por onde poderiam fugir. Após combinarem um plano, um dos homens armados entra na cela e tenta obrigar Emanuel a carregar o corpo de Nina para ser enterrado. O médico resiste e consegue segura-lo enquanto Rosa e Eleonor fogem correndo para a mata. No confronto, Emanuel leva um tiro na barriga. Ouvindo o barulho, o grupo criminoso se reúne novamente e inicia uma caçada às furtivas pelas densas picadas amazônicas.

Emanuel é amarrado em uma árvore, sangrando, para que morresse devagar (gesto análogo à expiação de Jesus). Paralelamente, um grupo de policiais começa a fazer buscas pela região onde Eleonor havia desaparecido. Rosa e Eleonor enfim chegam ao rio por onde Emanuel lhes ensinara um possível caminho de fuga. Casimir, no entanto, consegue alcançá-las antes que atravessassem o rio. Com Rosa ainda dentro da água, tenta afogá-la com apenas uma das mãos sobre sua cabeça (símbolo do batismo por imersão, comum a algumas religiões protestantes). Tiros são ouvidos e Casimir larga a cabeça de Rosa, fugindo da tropa de policiais que passam a persegui-lo. A perseguição termina à beira de uma praia, onde o criminoso se ajoelha e é executado pelos policiais com um tiro na cabeça. O relato termina com Rosa e Eleonor sendo levadas a salvo em um grande barco conduzido pela tropa de policiais.

O filme prossegue com as últimas palavras de Eleonor na cerimônia em que sua pesquisa é premiada. No público que a ouve, estão presentes Rosa e dois dos criminosos descritos em seu relato. Com a plateia toda em lágrimas, Eleonor ainda confessa ter visitado um dos criminosos na prisão, para lhe falar frente a frente que o perdoava. Por



fim, as cenas de maior tensão no relato de Eleonor e Emanuel são reprisadas no filme com a música de fundo *Amazing Grace*, interpretada, respectivamente, em inglês, por Wintley Phipps e, em português, por Joyce Zanardi.

A função expiatória binária, nas mortes de Emanuel (*bem*) e Casimir (*mal*), realiza no filme a narrativa profética do adventismo moderno, fundamentado nas visões de Ellen White sobre um “grande conflito” cósmico. Por meio de várias obras de interpretação bíblica, a autora difundiu na segunda metade do século XIX uma reinterpretação das profecias apocalípticas analisadas por Willian Miller quanto ao segundo advento, deslocando algumas dissidências do movimento millerita para uma esperança imediata que estaria por desencadear os eventos proféticos recebidos em suas visões.

Quando a proteção das leis humanas for retirada dos que honram a lei de Deus, haverá, nos diferentes países, um movimento simultâneo com o fim de destruí-los. Aproximando-se o tempo indicado no decreto, o povo conspirará para desarraigar a odiada seita. Resolver-se-á dar em uma noite um golpe decisivo, que faça silenciar por completo a voz de dissentimento e reprovação. O povo de Deus – alguns nas celas das prisões, outros escondidos nos retiros solitários das florestas e montanhas pleiteia ainda a proteção divina, enquanto por toda parte grupos de homens armados, instigados pelas hostes de anjos maus, se estão preparando para a obra da morte. É então, na hora de maior aperto, que o Deus de Israel intervirá para o livramento de Seus escolhidos²¹.

A condição permanente de espera, e a aceitação do sofrimento como um cumprimento das profecias, naturalizaram nessa nova vertente do protestantismo o sofrimento pela ritualização da angústia. A contar por uma mudança de cenário político e um movimento transnacional de perseguição aos guardadores do sábado, sucedida por um golpe noturno de total proibição da então seita que ainda era o adventismo no final do século XIX, condicionava a fé na segunda vinda de Jesus a uma esperança de sofrimento imediato, de mudanças em andamento que estariam sendo testemunhadas e explicadas pelos “adventistas”.

O efeito dessa mensagem difundida entre os indígenas do Monte Roraima, por exemplo, gerou um redirecionamento incomum de forças para o trabalho em roças que preenchiam a espera por esse grande evento. Em 1927, a Comissão Rondon fazia expedições de reconhecimento nas fronteiras entre Brasil, Venezuela e Guiana Inglesa. Um dos grupos da comissão, chefiado pelo tenente Tales Facó, chegou à aldeia de Arabopo, no Monte Roraima. Segundo o tenente, “mais de 200 índios ali reunidos

²¹ WHITE, Ellen G. **O grande conflito**. Centro de pesquisas Ellen G. White, 2013, p. 554. Disponível em: <http://centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/O%20Grande%20Conflito.pdf>. Último acesso em 29 de set. 2021.



preparavam a abertura de uma grande roça, com a finalidade expressa de prepararem-se para a iminente chegada de Cristo”²². O ritual de preparação semanal para o descanso sabatino, bem como a repetição da sua consagração e importância viva na simulação de como-será-no-reino-de-Deus, estimulava os *Davis indians* ao trabalho em um tempo que estaria se acabando, haveria uma grande tribulação e precisavam estar preparados.

Segundo Marcelo Nunes Miranda, a capacidade de mobilização da mensagem levada pelo adventismo está em uma característica do método que chama de “*inculturação* missionário-comunicativa”, que por meio da assimilação e transformação de vulnerabilidades compartilhadas, possibilitou um aprendizado mútuo acelerado entre os missionários adventistas e as populações indígenas²³. Facilitando a troca de um atendimento de saúde e educação “civilizatória” profissional, por uma aceitação, comprometimento e testemunho de uma fé na segunda vinda de Jesus e a guarda do sábado.

A conjuntura do “tráfico” contemporâneo é uma paráfrase auto afirmativa da IASD em relação à conjuntura dos seus primeiros missionários na região. No começo do século XX, a mão de obra indígena ainda estava em disputa entre fazendeiros e missionários católicos, que os educavam em suas missões para a “civilização”²⁴. A simpatia pelas religiões protestantes acompanhava a expectativa das elites por uma ética mais adequada ao “espírito capitalista” e uma sobriedade moral distinta, pois os católicos, em suas missões, os teriam transformado em alcóolatrás avessos ao trabalho.²⁵

Uma imagem deslocada para o tráfico humano praticado por outros, na narrativa do filme, pretende eximir a IASD da exploração por ela mesma praticada sobre a mão de obra indígena. Seja como apoiadores leigos, alunos que pagam os estudos com trabalho ou missionários instruídos, o controle sobre as esperanças e decepções da população amazônica possibilitou o acesso mais fluido do *american way of life* nas últimas fronteiras da expansão ocidental. As características desse acesso, pensado nas pretensões mais agressivas em que se encontrava a política externa norte-americana em 2018, foram expressas no desfecho do filme com a morte de Casimir, chefe do grupo criminoso,

²² PRESTES FILHO, Ubirajara de Farias. **O indígena e a mensagem do segundo advento**: missionários adventistas e povos indígenas na primeira metade do século XX. p. 183.

²³ MIRANDA, Marcelo Nunes. **A presença da igreja Adventista do Sétimo Dia na comunidade Sahu-Apé/AM**: um olhar sobre as relações entre religião e cultura no contexto indígena.

²⁴ PRESTES FILHO, Ubirajara de Farias. **O indígena e a mensagem do segundo advento**: missionários adventistas e povos indígenas na primeira metade do século XX.

²⁵ MIRANDA, Marcelo Nunes. **A presença da igreja Adventista do Sétimo Dia na comunidade Sahu-Apé/AM**: um olhar sobre as relações entre religião e cultura no contexto indígena.



executado em uma praia pelos policiais. Uma clara violação dos Direitos Humanos, deslocada para uma ação heroica e oficial. O filme foi lançado em março de 2018, e em outubro do mesmo ano, um candidato da extrema direita, pró Estados Unidos, venceu as eleições presidenciais no Brasil, reafirmando ao longo de toda a campanha: “bandido bom é bandido morto”²⁶. A afinidade ideológica entre a narrativa eleita para emocionar um público-alvo e o discurso de ódio para inflamar um eleitorado, produzida simultaneamente no Brasil, traduzem o efeito patêmico pretendido sobre a morte no metadiscurso fabricado pela IASD.

Logo, essas crenças testemunham, ao mesmo tempo, uma relação de deseabilidade que o grupo social empreende com sua experiência da cotidianidade e um tipo de comentário de inteligibilidade que é produzido sobre o real, uma espécie de metadiscurso revelador de seu posicionamento. É nesse sentido que se pode dizer que uma morte não vale uma morte do ponto de vista de seu efeito patêmico. De acordo com que a vivência – médico, soldado, amigo, parente ou telespectador – a mediação representacional varia fazendo também com que se varie o efeito emocional.²⁷

A variação mediada pelas disputas políticas do período construiu, no filme, a representação missionária salvacionista pela reafirmação da legitimidade institucional da IASD na Amazônia. Deslocando a imagem da exploração para uma benevolência civilizatória e demarcando seu posicionamento conservador e elitista quanto aos “bandidos” amazônicos, o preço da vida é convertido por uma refração metadiscursiva à medida moral estabelecida pelo adventismo. Mantendo, assim, rebaixados os sujeitos de padrão moral inferior aos mártires, patriarcas e profetas ensinados na bíblia e imitados pelos missionários, que curavam, ensinavam e às vezes morriam em prol da “pregação do evangelho”.

Considerações finais

O imperialismo religioso estadunidense, desde o século XIX, esteve à espreita das possibilidades que o seu novo “quintal” político e econômico de atuação favorecia. Concomitante à transição dos modelos nacionais de exploração da Amazônia, como a abolição da escravidão (1888) e a proclamação da república (1889), a chegada das primeiras religiões protestantes consolidou a influência e interferência norte-americana

²⁶ JARDIM, Lauro. Ibope: 50% dos brasileiros acha que bandido bom é bandido morto. *O Globo*. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/lauro-jardim/post/ibope-50-dos-brasileiros-acham-que-bandido-bom-e-bandido-morto.html>. Acesso em: 29 de set. 2021.

²⁷ CHARAUDEAU, Patrick. Pathos e discurso político. In: MACHADO, Ida Lucia; MENEZES, William; MENDES, Emilia (org.). *As Emoções no Discurso*. p. 241.



direta na opinião pública e nos hábitos de consumo da população. Com o adventismo, o *sincretismo* religioso indígena-cristão, até então monopolizado pelas missões católicas, foi alcançado por um estilo de vida que tornava desejável a vida e os sentidos exportados pelos Estados Unidos.

Por meio de um sistema de ensino e controle espiritual, a IASD construiu uma vasta rede de comunicação popular que traduziu e continua traduzindo o “mundo” entre seus “irmãos” como sendo o mal *a priori*, pois este “jaz no maligno”, a bíblia protestante como a única verdade, a interpretação de Ellen White a única inspirada pelo Espírito Santo, seus jovens como “desbravadores” e os católicos como a “besta” do apocalipse. Seja por apelos em encontros esporádicos nas igrejas ou pela repetição cotidiana da doutrina nos centros de ensino, o adventismo agiu pela domesticação emocional, normalizando as tragédias sociais como cumprimento de profecias e ritualizando a espera por um mundo melhor.

Para Merleau-Ponty, o domínio das crenças sobre a percepção da realidade precisa ser compreendido em sua função holística de sujeição, pois suas atribuições e critérios de comportamento atuam como reflexos permanentes da totalidade espiritual permitidas pela ideologia a qual pertencem, onde “cada objeto é espelho de todos os outros”²⁸. O domínio total das profecias autoexplicativas na interpretação adventista tornou real a missão implícita ao mito de relação entre o surgimento da IASD e o “grande conflito” entre o bem e o mal. No fluxo dessa participação ativa é que se construiu o metadiscorso que alimenta e justifica (pela fé) os compromissos assumidos pelos adventistas, de levar sua interpretação e estilo de vida para todo o mundo, para que este possa ser, enfim, julgado e purificado no “juízo final”.

O cultivo da confiança adquirida pela assimilação metódica das vulnerabilidades compartilhadas, que está intencionalmente representada na função-personagem de Emanuel no filme, também é refletido como matriz de expectativas políticas na execução de Casemir pelos policiais. Atendendo ao surto coletivo de violação dos Direitos Humanos, justificado pela função-personagem dos grandes vilões do momento, a IASD dramatizou uma paráfrase do jargão utilizado por Jair Bolsonaro para vencer as eleições presidenciais de 2018. Um efeito de sentido auto afirmativo na cumplicidade pelo “bandido bom é bandido morto” agiu diretamente na opinião pública, em especial no

²⁸ MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes. Trad. Carlos Alberto de Moura. 2ª ed., 1999, p. 105.



público protestante/evangélico, para um engajamento político contra os “bandidos” da “velha política”.²⁹

Por fim, o sucesso de Eleonor em receber o prêmio e a plena atenção do público emocionado reproduz a franca ressonância espiritual da interpretação profética de Ellen White. A reprodução continuada da doutrina adventista foi garantida pela narrativa que permaneceu testemunhável, mesmo que em sonhos ou visões para a explicação de uma “fé cristã verdadeira”. Ou seja, não foram as visões em si que fundamentaram a confiança no adventismo, mas como foram contadas, testemunhadas e adaptadas à interpretação bíblica protestante do período. A confiança do palco e a simpatia da plateia se tornaram os alvos dos missionários adventistas na Amazônia para testemunhar dessa fé, e realizar a missão de levar o evangelho por todo o mundo, ainda que fossem levados ao sacrifício das vulnerabilidades compartilhadas, sobre si, ou sobre os outros.

Data de submissão: 30/09/2021

Data de aceite: 13/10/2021

²⁹ Curiosamente, a escolha do ator para interpretar Emanuel (o salvador) também possui um vínculo com esse jargão. André Ramiro se tornou internacionalmente conhecido como “capitão Matias” em sua brilhante atuação no filme “Tropa de elite 2” (2010), em que logo nas primeiras cenas consegue conter uma rebelião acertando um tiro na cabeça de “Beirada” (Seu Jorge). Dois anos antes, o ator também atuou no filme “Última parada 174” (2008). Dessa vez como o policial que coordenou a ação que resultou na morte de Sandro (Michel Gomes).



Referências

- ALENCAR, Gedeon. **Protestantismo Tupiniquim**: Hipóteses da (não) contribuição evangélica à cultura brasileira. São Paulo: Arte Editorial, 2005.
- CAVALCANTE, Larissa. Preconceito vira arma eleitoral no segundo turno para prefeito em Manaus. **A crítica**. Manaus, 2020. Disponível em: <https://www.acritica.com/channels/manaus/news/preconceitos-viram-arma-eleitoral-no-segundo-turno-para-prefeito-em-manau>. Acesso em: 29 de set. 2021.
- CHAMBOULEYRON, Rafael. Em torno das missões jesuíticas na Amazônia. **Lusitana sacra**, Lisboa, 2ª série, n. 15, p. 163-208, 2003.
- CHARAUDEAU, Patrick. Pathos e discurso político. *In*: MACHADO, Ida Lucia; MENEZES, William; MENDES, Emilia (org.). **As Emoções no Discurso**. Vol. 1. Rio de Janeiro, 2007
- DE OLIVEIRA, Liliane Costa; SERRA PINTO, Marilina Conceição de Oliveira Bessa. Os primeiros passos do Protestantismo na Amazônia. **Estudos de Religião (IMS)**, v. 31, p. 101-126, 2017.
- JARDIM, Lauro. Ibope: 50% dos brasileiros acha que bandido bom é bandido morto. **O Globo**. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/lauro-jardim/post/ibope-50-dos-brasileiros-acham-que-bandido-bom-e-bandido-morto.html>. Acesso em: 29 de set. 2021.
- KAYAPÓ, Edson. **Projetos e presepadas de um curumim na Amazônia**. Curitiba: Positivo. 2019.
- MARIANI, Bethania. Discurso e instituição: a imprensa. **RUA**, Campinas, SP, v. 5, n. 1, p. 47-62, 2015.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes. Trad. Carlos Alberto de Moura. 2ª ed., 1999.
- MIRANDA, Marcelo Nunes. **A presença da igreja Adventista do Sétimo Dia na comunidade Sahu-Apé/AM**: um olhar sobre as relações entre religião e cultura no contexto indígena. Dissertação (mestrado). 76 f. UNIDA: Faculdade Unida de Vitória, 2016.
- PRESTES FILHO, Ubirajara de Farias. **O indígena e a mensagem do segundo advento**: missionários adventistas e povos indígenas na primeira metade do século XX. Tese (doutorado em História Social) – FFLCH, Universidade de São Paulo, 2006.
- SALVADOR, José Gonçalves. O Metodismo no Norte e Nordeste do Brasil. *In*: SALVADOR, José Gonçalves. **História do Metodismo no Brasil**: dos Primórdios à Proclamação da República (1835-1890). v. I. Rio de Janeiro: Centro Metodista Vila Isabel, 1982. p. 52-65.
- TORRES NETO, Diogo Gonzaga. **A ética protestante e o espírito da Amazônia**: os escritos, pensamentos e obra missionária adventista de Leo B. Halliwell. Tese (Doutorado). 211 f. PPGSCA: Universidade Federal do Amazonas, 2019.

